

A CIDADE HOSTIL EM MEIO A PANDEMIA DO COVID-19: CARTOGRAFIAS DO ACOLHIMENTO NO ESPAÇO VIRTUAL-REAL DA CIDADE

PAULA PEDREIRA DEL FIOLO¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – delfiolpaula@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento dessa pesquisa busca explorar a relação entre a pandemia do COVID-19 e a maneira como os corpos tem se relacionado com a cidade nesse período. Através da análise de mapas produzidos para a disciplina Cidade e Contemporaneidade, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU), da FAUrb/UFPel, a fim de discutir a hospitalidade, a domesticação e as formas do acolhimento no campo urbano, e analisar a relação entre os três conceitos e a cidade virtual-real.

A pandemia do COVID-19 fez com que os cidadãos ficassem mais tempo dentro de casa, e com isso as ruas ficassem mais vazias. A sensação de medo do desconhecido tomou conta do mundo nesse momento, e então será que a cidade se tornou mais hostil? Segundo FUÃO (2012) “Curiosamente, a hospitalidade coloca o tema do espaço não no espaço, mas no indivíduo, como se ele próprio portasse a hospitalidade, o próprio espaço. Como se o sentido não estivesse no espaço ou na arquitetura, mas sim nas próprias pessoas...”

As formas de acolhimento falam sobre hospitalidade, mas versam principalmente sobre o pertencimento a um lugar. Segundo FUÃO (2014) “O espaço e as formas do acolhimento partem do sentido de acolhimento contidos na palavra ‘cola’, expressão adotada por mim para designar esses vários sentimentos de união e contato que o acolhimento pressupõe.”

Se hoje, em função da pandemia, a população se vê contida por trás das telas de computadores, celulares, entre outros dispositivos, é perceptível a domesticação imposta pelo intruso, o vírus. Para FUÃO (2019) “O humanismo sempre esteve diretamente acorrentado a esse processo que aqui chamamos de uma ‘domesticação universal’, de uma uniformização das culturas sob o manto da justificativa civilizatória.” Então como esses corpos estão se relacionando com a cidade nesse período? O objetivo desse trabalho é explorar, via mapeamentos, como está essa relação, e quais as diferenças na cidade pandêmica.

2. METODOLOGIA

A proposta de trabalho consiste em entender o momento da pandemia do COVID-19 e a relação dos corpos na cidade durante esse período. Durante o período da disciplina Cidade e Contemporaneidade foram elaborados mapas, de forma online no site Google My Maps (<https://www.google.com/maps/d/u/1/edit?mid=16PLT79Ht9oHzYyIUZwIU5sKmkhNDi1bk&ll=-30.606423843357042%2C-49.171587992575134&z=7>) com 21 participantes na atividade, todos com um codinome para que não fossem identificados. Cada semana eram estipulados alguns temas, onde os alunos proporcionaram o seu mapa da foram como se sentissem à vontade.

Para esse trabalho foram selecionadas duas camadas, sendo a camada ‘dentro e fora’ que diz respeito a um trajeto, representado na figura 1 por linhas,

feito por cada aluno durante o período de pandemia, onde ele explicava que caminho era esse, como era feito, se caminhando, de carro, de bicicleta ou transporte público, quais sensações esse trajeto trazia e uma imagem em primeiro plano que resumisse toda a explicação. A outra camada selecionada foi ‘epidemias e cidades’ que versa sobre um lugar, representado na figura 1 por polígonos, que estivesse dentro do trajeto explicado na camada anterior, onde o aluno se sentisse acolhido, podendo ele ser um lugar fixo ou itinerante, nessa camada a intenção era explicar como era a sensação desse lugar de acolhimento, incluindo uma imagem abstrata que representasse essas sensações.

Com os mapas a análise a partir de comparação entre os conceitos apresentados previamente em relação ao que os alunos descreviam, e assim criando associações entre os conceitos e os sentimentos de cada aluno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho teve como proposta entender melhor como estava a relação das pessoas com a cidade em meio a pandemia, para isso a discussão foi proposta em meio a mapas. Assim sendo, se fez associações entre os próprios mapas para identificar as relações entre os conceitos para cada alunos.

Figura 1 – Recorte Do Mapa.



Fonte: Imagem reproduzida pelo autor no site Google My Maps.

3.1 ANÁLISE CAMADA ‘DENTRO E FORA’

Nessa camada a proposta foi fazer uma análise com base em conceitos de hospitalidade e domesticação, para investigar possíveis ligações entre os trajetos percorridos e os conceitos já apresentados.

Foi possível perceber que 66% dos trajetos foram feitos caminhando, o que aponta em sua grande maioria eram pequenos percursos, para destinos com importância no âmbito de sobrevivência, como mercados para compra de alimentos, ou locais de trabalho.

Pelas descrições dadas, é possível identificar alguns padrões dentro dessa camada, dentre eles se destacam palavras mencionadas com mais frequência: caminhar, expectativa, rua, álcool, inóspita, confinamento, rapidez, angústia e movimento. As palavras de mais ênfase, têm, em sua grande maioria, sentido na cidade hostil, onde poucas pessoas coexistem no mesmo espaço.

3.2 ANÁLISE CAMADA ‘EPIDEMIAS E CIDADES’

Aqui o projeto foi, principalmente, focar nas formas de acolhimento, se elas estavam presentes para os participantes e em como eles narravam essas formas de acolhimento ao longo da cidade. Para cada pessoa os lugares de acolhimento foram muito distintos, porém com muitos pontos em comum. E ainda foi possível perceber que para algumas pessoas os lugares de acolhimento não estão existindo nesse momento de distanciamento social.

Em grande parte, sendo 57% dos participantes, associaram o lugar do acolhimento ao ar livre, sendo algumas palavras mais frequentes como: sol, liberdade, amplidão e verde. Porém, apenas 14%, associaram esse lugar à outras pessoas, podendo explicar um pouco o porquê de a cidade parecer mais hostil nos últimos tempos, já que a hospitalidade da cidade está diretamente ligada às pessoas.

Por fim, ainda se obteve 14% de respostas que associavam o lugar de acolhimento a um lado negativo. Onde, apareceram palavras como: medo, calabouço e dias frios, por esse lado pode-se analisar o medo do desconhecido e como as pessoas têm se sentido presas a um lugar fixo.

4. CONCLUSÃO

Como conclusão se pode admitir que a cidade está mais hostil, o contato humano está restrito ao ambiente da residência. As normas do COVID-19 são rígidas, e isso fez com que a cidade se tornasse mais domesticada. E com isso os locais do acolhimento ficaram mais escassos, se direcionando para ambientes ao ar livre.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo? E outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.
- DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.
- FUÃO, F. A hospitalidade na arquitetura. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2**, Natal, 2012. Anais Teorias e práticas na Arquitetura e na cidade contemporânea, Natal, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Federal do Rio Grande do Norte, 2012. v.2.
- _____. Sobre Cadeiras e Clareiras, uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk – parte I. **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, Pelotas, v.3, n.11, p.19-39, 2019.
- _____. Sobre Cadeiras e Clareiras, uma leitura sobre a domesticação em Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk – parte II. **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, Pelotas, v.4, n.12, p.19-37, 2020.
- _____. Sobre Domesticação, A cidade pestilenta e o panóptico. **Revista de Estética e Semiótica**, Brasília, v.9, n.2, p. 26-57, 2020.
- GUATELLI, I. **Arquitetura dos Entre-Lugares, sobre a importância do trabalho conceitual.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- _____. O sentido que falta e o prelúdio a um pensamento do devir. Entre Barthes, Derrida e Koolhas. **Vitruvius**, São Paulo, v. 21, n.242.06, 2020.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes.** Salvador: Editora UFBA, 2012.
- JÁUREGUI, J. M. O intangível em psicanálise e arquitetura. **Vitruvius**, São Paulo, v. 03, n. 025, 2002.
- PAESE, C. O campo urbano. **Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 38 – 50, 2019.
- SOLIS, D. e FUÃO, F. **Derrida e arquitetura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.